

MALESTAR EN LA CULTURA, ENTRE LA VIOLENCIA Y EL DESAMPARO

MAL-ESTAR NA CULTURA,
ENTRE A VIOLÊNCIA E O DESAMPARO

CIVILIZATION AND ITS DISCONTENTS, BETWEEN
VIOLENCE AND HELPLESSNESS

Marcela Ramírez Machuca
ORCID: 0009-0001-6914-5844
Correo electrónico:marcela.ramirez955@gmail.com

Isidora Schlesinger Ramírez
ORCID: 0009-0008-8627-9570
Correo electrónico: ps.i.schlesinger@gmail.com

Sociedad Chilena de Psicoanálisis - ICHPA

Fecha de recepción: 08 – 03 – 2025
Fecha de aceptación: 05 – 05 – 2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Ramírez Machuca M. Schlesinger Ramírez I. (2025) MALESTAR EN LA CULTURA,
ENTRE LA VIOLENCIA Y EL DESAMPARO
Intercambio Psicoanalítico 16 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/16.1.5
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

MAL-ESTAR NA CULTURA, ENTRE A VIOLÊNCIA E O DESAMPARO

Apresentado na Simpósio Clínico FLAPPSIP 2024.
Versão atual corrigida.

Marcela Ramírez
Machuca¹
Isidora Schlesinger Ra-
mírez²

1 Psicanalista, Membro Titular e ex-Presidente da Sociedade Chilena de Psicanálise - ICHPA, Mestre em Psicologia Clínica, menção em psicanálise, Professor Mestre UAI-ICHPA. Psicanalista, grupalista, com perspectiva de gênero, ex-presidente FLAPPSIP.

2 Psicóloga Clínica pela Universidade Diego Portales. Perspectiva psicanalítica e de gênero. Docente da Universidade Diego Portales.

"... É verdade que a psicologia individual se restringe ao ser humano singular e estuda os caminhos pelos quais busca alcançar a satisfação de suas pulsões. Mas só raramente, sob determinadas condições de exceção, pode prescindir dos vínculos deste indivíduo com outros. Na vida anímica do indivíduo, o outro conta, com total regularidade, como modelo, como objeto, como auxiliar e como inimigo, e por isso desde o começo a psicologia individual é simultaneamente psicologia social neste sentido mais amplo, mas totalmente legítimo." Sigmund Freud (1921, p. 67)

No século XXI, vivemos uma era em que os grandes relatos, as ideologias políticas e as cosmovisões religiosas que iluminavam um caminho possível têm perdido valor e credibilidade. Ao mesmo tempo, a fé na razão, que na modernidade era considerada o farol que nos guiaria para um futuro promissor, tem se desmoronado pouco a pouco. Hoje vemos que nossa civilização está ameaçada por pandemias, desastres ecológicos e conflitos bélicos que colocam em risco a estabilidade mundial. Nesse contexto de incerteza, surge a pergunta: qual futuro é possível? cuja resposta parece nos conduzir a um crescente desamparo social.

Da razão às paixões

Durante a modernidade, o progresso e a razão constituíram-se como os pilares que sustentavam a civilização em um avanço constante. Confiávamos que a razão guiaria a humanidade para estados maiores de harmonia e prosperidade. No entanto, Freud nos advertiu sobre essa visão otimista ao apontar que nossas pulsões, de vida e de morte, Eros e Tântatos, exercem uma influência determinante na vida psíquica e social a partir do inconsciente.

Hoje, já descrentes do valor da razão e reconhecendo que a racionalidade humana é frágil, cada dia se torna mais evidente que são as paixões e pulsões inconscientes que nos mobilizam e determinam. Esse fato de grande repercussão social, visto que estamos expostos a uma intensa manipulação emocional com discursos que exploram nossos medos e raivas, nos deixa expostos ao desamparo emocional que nos leva novamente à pergunta: qual futuro é possível?

Novamente foi Freud (1930) quem destacou o papel essencial da lei e da cultura na regulação das pulsões humanas. Essas estruturas, que permitem limitar as pulsões, são também as protetoras dos nossos vínculos e criam o que chamamos de laços sociais, fundamentais para a existência social organizada e pacífica. Sem esses laços, a violência aparece como a resposta ao desamparo e pode se tornar o mecanismo primário de interação.

Também nesta crise de credibilidade social que marca nosso século, há uma perda de confiança nas instituições que historicamente sustentaram os laços sociais - a família, a comunidade, o Estado - o que nos deixa em um estado de vulnerabilidade e desamparo social e subjetivo.

Não é possível afirmar que vivemos em uma sociedade mais violenta do que em outros períodos, no entanto, podemos afirmar que na sociedade contemporânea, o significante “violência” tem uma presença quase onipresente nos discursos midiáticos, que certas violências se naturalizaram, e que os meios de comunicação se alimentam de fatos violentos, dotados de um grande poder de atração para parte da população.

Violência e agressão

De uma perspectiva psicanalítica, é necessário distinguir violência de agressão. A agressão é uma característica inerente a todos os seres vivos, uma resposta que nos permite defender e sobreviver. Nos seres humanos, Freud conceitua a agressão como uma manifestação da pulsão de morte que atua em conjunto com as pulsões de vida. Assim, considera que as pulsões são necessidades do id e há apenas dois tipos: Eros e destruição. Ambas se afetam mutuamente e produzem todas as expressões da vida. (Freud, 1940).

A violência, por outro lado, é um fenômeno especificamente humano e social. Como aponta Pilar Soza, “a violência é própria dos seres humanos, é um efeito das relações entre os homens; é social. Violência é o nome do efeito de submeter outro, além de sua vontade, a uma certa condição ou situação” (2012, par. 25). Assim, um aspecto fundamental da violência está relacionado ao não reconhecimento do outro como sujeito e, nesse sentido, a violência é um ato relacional no qual a subjetividade da vítima é negada ou diminuída.

A psicanálise vincular oferece uma definição enriquecedora ao definir violência como

“... o exercício absoluto do poder de um ou mais sujeitos sobre outro, que fica situado em um lugar de desconhecimento; isto é, não reconhecido como sujeito de desejo e reduzido, em sua forma extrema, a um puro objeto. Em outras palavras, consideramos a violência por sua eficácia, a de anular o outro como sujeito diferenciado, mergulhando-o em uma perda de identidade e singularidade que assinala o lugar da angústia.” (Pachuk, Friedler, comps., 1999, citado em Lastra, 2021, par. 9)

Desamparo e Violência

De uma abordagem sociológica, a violência pode ser entendida como uma resposta falha a partir de um conflito entre o sujeito e a sociedade. A esse respeito, Galtung oferece uma ferramenta analítica

interessante com seu conceito de triângulo da violência no qual distingue violência direta, violência estrutural e violência cultural. A violência direta é a violência manifesta que representa apenas aquela pequena parte visível de um iceberg. Abaixo da superfície visível, a violência estrutural e a violência cultural sustentam e perpetuam as condições que possibilitam a violência direta.

A violência estrutural refere-se à desigualdade e injustiça sistêmicas resultantes dos processos de estratificação social, que impedem uma parte da população de satisfazer as necessidades humanas básicas, perpetuando a marginalização e o desamparo social de amplos setores da população. A violência cultural é a que cria o quadro legitimador da violência que justifica a violência estrutural e direta. Galtung a define como uma violência simbólica que se expressa em ideologias, religiões, linguagem, arte, ciência, leis, meios de comunicação, educação, etc. A violência cultural é fundamental para entender como a violência se normaliza em uma sociedade.

Freud (1895) descreveu o desamparo original do ser humano como a fonte primordial de todos os motivos morais, uma condição que tem sua raiz na relação primitiva entre mãe e bebê. No bebê aparecem sensações fragmentadas que provêm do corpo, que podem ser fome, cólicas, cansaço, que empurram de maneira incessante e têm então o caráter de “apremio”, obrigando a recorrer ao Outro, por exemplo, com seu choro. Quando não aparece a resposta satisfatória do Outro, o bebê fica invadido pelas sensações de seu corpo diante das quais não tem recursos para responder. Segundo as concepções freudianas, esse seria o modelo do desamparo. Assim, o desamparo se estabelece quando toda possibilidade de simbolização está abolida e o sujeito se vê à mercê de suas forças pulsionais, estando ele, portanto, exposto a um excesso de excitação.

Embora essa noção inicial se refira ao mal-estar subjetivo individual, o conceito de desamparo adquiriu novas dimensões no contexto contemporâneo, estendendo-se ao social como uma perda dos laços sociais que poderia explicar em parte o desamparo social do século XXI. Freud, ao se referir à “alteridade essencial do sujeito”, sublinhava a dependência do indivíduo em relação ao outro — primeiro a mãe, e depois a cultura em geral — como um elemento fundamental da psique humana. É impossível pensar no desamparo sem essa relação com o outro.

Atualmente, autores como Ehrenberg apontam uma mudança no mal-estar contemporâneo, que passou da pergunta freudiana do superego, “O que me é permitido fazer?” — típica do ser neurótico reprimido pelas exigências tradicionais — a uma nova interrogação: “O que sou capaz de fazer?”, que reflete uma ansiedade constante acerca da autoeficácia e do sucesso individual. Nesse contexto, o desamparo se manifesta como uma perda do outro e uma desconexão que desestabiliza o senso de pertencimento. Esse processo é intensificado pela cultura contemporânea, que promove o narcisismo e o individualismo, exacerbando a autonomia e a preocupação com a própria imagem. A desco-

nexão resultante entre o eu e os outros fomenta a desubjetivação do outro, intensificando o desamparo. Como aponta De Oliveira, “a palavra desamparo começou a aparecer com muita frequência no discurso psicanalítico, significando uma estrutura psíquica cuja essência é o vazio”, gerando uma sensação de perda daquilo que dava sentido à realidade. A modernidade também trouxe consigo uma necessidade constante de justificar o capitalismo do século XXI e, de acordo com Boltanski (2012), a autojustificação do sistema baseia-se em uma forma de dominação que ele chama de gerencial, fundada na valorização e exploração da mudança, na qual se geram necessidades que exigem uma mudança constante, a qual, em vez de fortalecer, enfraquece a ação social. Oferecem-se promessas de melhoria constante, mas não ocorrem as mudanças estruturais necessárias na sociedade, a população é deixada em uma posição de inquietação moral que entendemos ser o desamparo.

Violência na Clínica Psicanalítica

Sob uma perspectiva psicanalítica clínica, Brignoni, Esebbag e Grisales (2022) contribuem para a compreensão das manifestações da violência. Eles apontam que a violência, em alguns casos, pode ser classificada como acting-out, onde o sujeito busca convocar um outro do qual se espera uma resposta interpretativa. Esse ato, então, possui uma significação sintomática e é uma forma de comunicar um conflito interno que não pode ser expresso verbalmente.

Em outros casos, a manifestação da violência pode ser entendida como um passage à l'acte, na medida em que se trata de romper o vínculo com o outro, do qual não se espera mais nada. Aqui, a violência não busca uma interpretação nem uma resposta: é uma ação que corta o laço com o outro, refletindo um estado de desespero ou desamparo absoluto.

Em ambas as manifestações da violência, acting-out e passage à l'acte, há uma interrupção no modo de um curto-circuito psíquico, de forma que, quando surge a pulsão e as sensações que a acompanham, não pode ser contida nem transformada em palavras, resultando em um ato destrutivo.

As ideias de Winnicott (1998) complementam essa visão, ao relacionar a tendência antissocial com experiências de privação precoce. O autor distingue duas orientações da tendência antissocial: o roubo e a destrutividade. O roubo estaria ligado a uma demanda de amor do qual o sujeito foi privado, e, portanto, pode ser entendido como um sintoma que pode ser interpretado. Por outro lado, a destrutividade ligada à violência pode ser entendida como uma maneira inconsciente de recuperar uma estabilidade ambiental perdida, um suprimento ambiental perdido. Seria então uma espécie de regulação pulsional, uma forma de reinstaurar limites que protejam o sujeito do desbordamento pulsional. A partir dessa perspectiva, podemos compreender a violência como uma tentativa desesperada de lidar com o desamparo.

Estudo de caso

Com o objetivo de ilustrar como esses conceitos se refletem no desenvolvimento intrapsíquico, é apresentado o caso de Alberto.

Em Alberto, paciente de 38 anos, profissional, seu modo de vida era de constante raiva e exaltação. Raiva contra pedestres que jogam lixo, motoristas que dirigem mal, ciclistas que não respeitam suas vias, sua parceira, sua filha, sua mãe... situações nas quais ele reagia de forma exaltada e violenta, sendo então a violência parte de sua vida cotidiana.

Foi uma criança solitária, com uma mãe que fluctuava entre a sobreproteção e o abandono, sem conseguir fornecer a confiança básica necessária. Um de seus recuerdos encobridores¹, segundo Freud, é de estar aprendendo a andar de bicicleta e a mãe, por cuidar de seu irmão, o soltou e foi rua abaixo sem saber frear. Quando a mãe percebeu, gritou para ele se jogar contra um muro lateral, o que ele fez, resultando em fortes batidas e feridas.

Pouco a pouco, suas reações violentas têm diminuído e, em seu lugar, começam a aparecer as palavras. Ele se lembra de uma ocasião em que teria pedido para namorar uma ex-parceira e ela disse que preferia continuar como estavam. Ele diz: “Eu vivi isso como uma rejeição e toda a confiança que eu tinha foi para o buraco... O mesmo aconteceu quando Maria (atual parceira) me soltou a mão no carro. Senti muita insegurança... E sempre respondo com irritabilidade... não sei, diante dessa insegurança eu tenho que mostrar que não perco o controle, que eu sou o que manda e que tenho uma resposta mais contundente... irritado... Parece que é minha defesa diante de todas essas coisas...”

Consideramos que essa vinheta ilustra alguns dos processos internos que entrelaçam a violência com o desamparo.

Sob uma perspectiva sociológica, Alberto está imerso em uma cultura, impulsionada pelo individualismo, marcada pela perda de laços sociais e de marcos normativos. Esse contexto favorece uma desconexão subjetiva que o coloca numa posição de desamparo, terreno fértil para o surgimento da violência. Na clínica, podemos interpretar que a lembrança encobridora de sua infância revela sentimentos precoces de desamparo e remete a um ato violento — a queda e os ferimentos — que se repete posteriormente como um acting out violento.

¹ Freud denominou “lembrança encobridora” a certos recuerdos conscientes que funcionam como substitutos de outros reprimidos que não conseguem acessar a consciência. Esses recuerdos não são preservados por seu conteúdo próprio, mas pela associação que mantêm com o material reprimido. Por isso, constituem uma formação substitutiva ou uma solução de compromisso entre o reprimido e a consciência (Freud, 1899).

Reflexões Finais

A partir da clínica psicanalítica, a violência — seja como acting out ou como passagem ao ato — aparece como uma resposta que não passa pela palavra nem pela simbolização, é um agir... sem pensar.

O modelo inicial do desamparo, por sua vez, é aquele em que a possibilidade de simbolização está abolida e o sujeito fica exposto a um excesso de excitação. Assim, em ambos os processos há uma falha, uma interferência no processo de simbolização, de modo que desamparo e violência estão estreitamente entrelaçados no psiquismo humano, mas também na estrutura social contemporânea — relação essa que é necessário compreender e abordar em ambos os âmbitos.

Em um mundo globalizado e tecnologicamente interconectado, no qual a realidade social se impõe com dramatismo crescente em nossas vidas, consideramos imprescindível encontrar e aprofundar os vínculos entre a clínica, a teoria e a realidade social de nossa América Latina.

Referências bibliográficas

- BOLTANSKI, L. (2012). Nuevas formas de dominación: Crítica de la nostalgia. Ediciones Akal.
- BRIGNONI, S., ESEBBAG, G., & GRISALES, A. (2022). Violencias y desamparos: Una práctica colaborativa entre salud mental y educación. NED Ediciones.
- DE OLIVEIRA, O. (s.f.). El desvalimiento como síntoma de la postmodernidad: De cómo la contemporaneidad evoca el desvalimiento. Federación Psicoanalítica de América Latina (FEPAL).
<https://www.fepal.org/wp-content/uploads/0088.pdf>
- EHRENBERG, A. (2016). El individualismo y sus malestares: Malestar y destinos del malestar, políticas de la desdicha. Social Ediciones.
- FREUD, S. (1899). Recuerdos encubridores. (Obras completas. Vol. II.). Amorrortu Editores
- FREUD, S. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo (Obras completas, Vol. XVIII). Amorrortu Editores.
- FREUD, S. (1940). Esquema del psicoanálisis (Obras completas, Vol. XXIII). Amorrortu Editores.
- GALTUNG, J. (2016). La violencia: Cultural, estructural y directa. Cuadernos de Estrategia, 183, 147–168.
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5832797.pdf>
- LASTRA, S. (2021). Violencias en lo familiar. Incidencias en los procesos adolescentes. <https://www.elpsic analisis.org.ar/nota/violencias-en-lo-familiar-incidencias-en-los-procesos-adolescentes-silvia-amalia-lastra/>
- RODRÍGUEZ-RENDO, M. (2012). El sujeto a la intemperie: La cuestión del desamparo en Freud y en Lorca. Asociación de Salud Mental y Psiquiatría Comunitaria.
- SOZA, P. (2020). Historizar la violencia. Psicología Grupal.
<https://psicologiagrupal.cl/historizar-la-violencia-pilar-soza/>
- WINNICOTT, D. W. (1998). Deprivación y delincuencia. Paidós.